

ESTÉTICA E IDENTIDADE CULTURAL

Um roteiro, dentre muitos, para uma pesquisa sobre
"identidade cultural de um povo"

Maria Seabra Loubet

Departamento de Filosofia — UFRJ

SUMÁRIO

CULTURA é fenômeno inicialmente pré-consciente atuando sobre a codificação/descodificação da mensagem sensorial. Por existirem diferentes universos sensoriais existem diferentes culturas.

Para maior compreensão da identidade cultural de um povo e sua plena assunção temos que buscar suas raízes etno/históricas. Uma delas, a ORIENTAL foi preconceituosamente desvalorizada na hegemonia ocidental.

Tentar revestir-se de um olhar o mais honestamente objetivo nesta análise é uma iniciativa que cabe ao pesquisador em FILOSOFIA, ao pedagogo e a todo cidadão de uma verdadeira DEMOCRACIA REPRESENTATIVA DAS DIFERENÇAS, realmente existentes, fatos da vida nacional.

I — BASES TEÓRICAS DA PESQUISA

Uma pesquisa em ciências sociais sobre o conceito de cultura visa principalmente definir e caracterizar o "espaço relacional" em que ela, cultura, se realiza. Procura detectar a expressão simbólica das relações conflituais da cultura com o poder constituído. Discute-se se devemos ver nela uma comprovação de sua subordinação à ideologia dominante, ou, exatamente o contrário, isto é, seu grau de independência. A grande dificuldade na abordagem do problema da cultura popular, além deste apontado, encontra-se, entretanto, na codificação de uma linguagem em que entram ele-

mentos da vivência tão diversa do pesquisador e do pesquisado: o "status" do primeiro é evidenciado, logo de saída, pela apresentação externa; seu discurso verbal, muitas vezes de crítica ao "sistema", vê-se desautorizado por seu próprio comportamento que é o de alguém que aprova o mesmo "sistema"; a ausência do fator "fadiga corporal" na sua vivência leva-o a esquecer que em todos os planos este fator torna-se elemento de bloqueio, de limitação das possibilidades mentais e corporais; o a priori "gosto", por ele usado pré-conscientemente e por ele aplicado continuamente, não passa de um racismo disfarçado. Tudo isto dificulta ao pesquisador a compreensão de uma simbologia própria ao pesquisado, tornando ambos os códigos em uso, restritos e convencionais. Por exemplo: para certos materiais, cores e formas, encontrados em algumas paisagens, significam ou melhor, são identificados à "tristeza" de um fundo de um quintal; o "cinzento das fábricas" à dureza da vida operária; fôrmica, móveis de tubo metálico, calendário pendurados na parede, grandes retratos de família etc. formam um ambiente interpretado como pobre, comum, vulgar mesmo. Para outros, a mesma paisagem, o mesmo ambiente, significam "mundo aconchegante do lar". Desta incomunicabilidade decorrem, necessariamente, certas "subversões semânticas": os objetos, arrancados de seu contexto, perdem a significação do uso; os rituais são transformados em objetos de consumo, a macumba apreciada por seu exotismo, amuletos viram souvenirs, promessas "eventos folclóricos" etc. Estas dificuldades e outras denotam a ampla necessidade de aprofundar o estudo das noções de cultura, folclore, identidade cultural, isto é, repensar tudo que está em jogo num nível diferente de análise.

Uma pesquisa em filosofia sobre o conceito de cultura deveria iniciar-se repensando a origem etimológica da palavra "colere", verbo latino que veio a designar igualmente tanto "cultuar" quanto "cultivar". De fato, quando analisamos o **produto**, isto é, as obras (num sentido lato), monumentos, instituições, ritos, crenças, comportamentos etc., estamos **cultuando**, reverenciando um passado. Mas quando visamos o **processo** dinâmico, a energia investida, a ação dialética "herança/criação", exercemos a ação de **cultivar** um fenômeno cuja natureza caracteriza-se pelo "devenir" e por sofrer injunções de diferentes ordens, social, histórica, geológica e mesmo epistêmica. Pois a questão inicial é de saber em que nível da psiquê humana dá-se a inserção do fenômeno cultural. Cultura é uma realidade em grande parte velada, pré-consciente, ainda que ela controle constantemente nosso comportamento. Parodiando a famosa frase tão repetida "nihil est in intellectu...", dizemos, nada se torna significativo se não passar pela cultura. E para que isto aconteça observa-se dois processos inversos: a codificação e a descodificação da mensagem sensorial. Sabemos da importância da sensação para a formação dos sentimentos, sendo ela, a sensação, a base da impressão prazer/desprazer; ela também é fundamental para o pensamento abstrato fornecendo o esquema imaginativo. Mas é nas

artes que a sensação toma toda sua amplitude. Chamamos **criação poética** a esta tradução concreta em material específico, transpondo o mundo das imagens sensoriais ao mundo das expressões. O mundo das imagens, em si mesmo, já pressupõe as qualidades sensíveis da matéria a ser empregada. O pintor pensa imaginativamente em formas e cores, o músico em sons, o dançarino em gestos e ritmos, o arquiteto em massa e volumes. Mas a sensação está sempre na origem deste pensar; pensar que é um estado empático, momento de certezas e comunicação total. O problema da dúvida, que se coloca quanto à relação sujeito/objeto, de sua adequação ou ilusão, é um momento a **posteriori**. A "verdade" virá depois; no momento da fruição sensorial há só evidências, e a lógica própria dos sentidos, base de sua significação.

Ora, as **culturas se diferenciam na maneira pela qual vivem seus sentidos**. Os homens pertencem a mundos culturais diferentes não só pela língua mas por que habitam universos sensoriais diversos (para o árabe o olfato e o tato têm a mesma importância que a audição e a visão para o ocidental). Além disto ao criarem uma gama tão grande de prolongamentos para o próprio corpo, os homens chegaram a esquecer suas raízes no mundo cósmico: o telefone prolonga a voz, o computador o cérebro, a roda as pernas, a escrita a linguagem falada etc. O substituto passou a valer mais do que a origem tornando-se critério de diferenciação cultural onde havia unidade natural da espécie. Chegamos a tal ponto de diferenciação na vivência sensorial que noções fundamentais como a do "eu", a de "solidão/massificação" podem ser mais epidérmicas (exigindo então que o espaço físico necessário à noção de "território" seja mais extenso) ou se encontrar difusas e profundamente veladas. Assim um oriental é capaz de suportar um estado de aglomeração completamente impossível de ser suportado por um ocidental. Para conhecer a importância de um chefe dentro de uma empresa basta verificar as dimensões de sua sala. Quanto maior e mais isolada, maior sua importância. Tudo isto porque existe uma filtragem cultural, pré-consciente, que irá repercutir nas determinações espaço/temporais, subseqüentemente nos estilos de arte, de vida e em todas as relações humanas. Nação é a vivência de um povo com um mesmo sistema de comunicação baseado numa mesma vivência sensorial. Ser estrangeiro é não pertencer ao mesmo universo de símbolos, tanto é que temos a tendência a ridicularizar o ... diferente. A palavra "idion" que deu "idiota", significava de início, ter "caráter próprio", e com o passar dos tempos evoluiu para distinto, original, excêntrico, desprezível (porque diferente — dizemos em português que um sujeito é cheio "de idiosincrasias"). Enquanto "koinon", na origem, comum, passa a ser público, comunitário, canônico, e finalmente ... regra. Em resumo, o parâmetro para o "certo" é o "comum", o que não agride pela diferença.

Neste sentido dizemos que as **culturas também se diferenciam pela prioridade dada aos sentidos no seu contexto geral**. Toda seleção im-

plica critérios valorativos que são socialmente vividos. Quando numa sociedade "ser poeta", "lírico", é sinônimo de ser alienado, sabemos que grau de valor foi atribuído à racionalidade. Marcuse analisou muito bem a "consciência feliz", "acomodada" que identifica o real com o racional baseada na lógica clássica, onde ser é aquilo que é e não o que parece ser. Muito se tem falado das fronteiras do mito e da racionalidade, e há ainda muito o que falar. O que queremos ressaltar aqui é que foram **condições histórico/políticas e não epistêmicas** que determinaram a valorização do conhecimento racional e, subseqüentemente, a desconfiança sistemática em relação ao sensível e ao afetivo.

Por isto tudo dizemos, em último lugar, que uma **cultura pode ser analisada pelo grau de artificialidade com que foi implantado um modelo que não o das exigências genuínas de seu povo**. Adaptar-se ao ritmo de um ser ou de um povo é procurar seu estilo. Mas esta busca é da ordem da empatia e não do discursivo. O estilo está para a sensorialidade como a significação para o conhecimento racional. O que importa aqui, não é a lógica cerebral, é a dos sentidos, expressa na vivência espaço/temporal e configurada no ritmo — um dos parâmetros da estética. Ritmo é um princípio gerador que articula e estrutura "os ventos que sopram" nas diferentes épocas: é ele que individualiza. Querer encontrar um indivíduo é buscar seu ritmo. Mas este só é encontrado na medida em que é levado em consideração aquilo em que o indivíduo está hoje engajado, aquilo que ontem o constituiu, aquilo em direção à qual tende amanhã. Precisamos saber que povo fomos para saber onde queremos ir. Não é só nosso passado cultural arqueológico que conta. Há o nosso projeto teleológico a considerar igualmente. Só dentro desta trama vislumbra-se o específico cultural de um povo e sua significação. O que é tempo brasileiro? Quando começou? Em que temporalidade fixá-lo? No sentimento de "eterna presença" do índio, no de "ancestralidade" próprio aos africanos, ou na "nostalgia de um passado glorioso" dos moçárabes? O que são "Tempos Modernos" para um povo que acabara de nascer para a história, desconhecendo pois "antiguidade" e "medievalidade"? Tudo isto nos leva a focalizar o

II — CONTEXTO DA PESQUISA

Existem mil maneiras diferentes de abordar o assunto. Colocamos aqui apenas duas perguntas e tentamos respondê-las pois eram obstáculos que precisavam ser afastados.

Primeiramente, por que parece-nos óbvio sermos considerados um "povo ocidental" quando nossas raízes etno-históricas nos levam mais a acreditar numa afinidade com o oriente? Nos três elementos que mais con-

tribuíram para a formação do povo brasileiro (o índio, o negro e o português) há a presença marcante, pois permanente, do elemento não-ocidental. Não consideramos os outros elementos imigrantes por serem irrelevantes. De 1850 a 1950 aproximou-se dos 5.000.000 o número destes imigrantes que aqui chegaram. Em comparação com os Estados Unidos este mesmo número corresponde à média de apenas uma década; acresce que deste contingente 30% retornou a seus países de origem.

A antropologia física demonstra hoje que a presença do **Homo na América** data da época quartenária: é então **Homo Sapiens**, dolicocefalo, sendo a aparição dos braquicefalos muito posterior. O elemento asiático é o mais antigo, tendo atravessado o estreito de Bering há mais de 20.000 anos AC. Os elementos australiano, melanésio e polinésio seriam mais recentes. Estas conclusões são baseadas nos resultados de estudos de genética, de seriologia definindo um perfil hemotipológico, de parasitologia (contribuição brasileira) concluindo pela grande probabilidade de contatos pré-históricos entre a Oceania e a América por apresentarem em ambos continentes doenças parasitárias idênticas. Mas nenhuma outra conclusão é considerada definitiva, isto é, de quantos grupos descendem os ameríndios, que contato tiveram entre si, que alterações físicas sofreram devido ao meio ambiente etc. Resumindo: o **perfil somático**, o estudo sanguíneo indicam um parentesco certo com os mongóis atuais e um parentesco difuso com o conjunto dos povos do Pacífico.

Todo conhecimento das origens do segundo elemento, o **negro**, na Idade Média, baseia-se em documentos escritos por árabes ou por negros mulçumanos literatos. Não se pode desconhecer, ao estudar estas informações, a tendência de dar aos soberanos, o mais que possível, uma origem árabe. Acresce a tendência característica do continente africano de tudo explicar pelo maravilhoso. As informações da antiga Grécia se restringem às costas mediterrâneas. O certo é que o elemento cultural mulçumano está para o elemento autóctone africano em posição paralela ao que o elemento greco-romano está para o europeu: é o parâmetro de base. Com a entrada no século X das comunidades mulçumanas no Sudão Ocidental, as ciências, as artes, as religiões ficaram impregnadas de sua tradição. Sabemos que a força do animismo pagão entrou em choque com as concepções mulçumanas obrigando a estas recuarem. No que se refere aos Yorubas (os mais numerosos no Brasil) constata-se em suas crenças influências de mitos solares egípcios, estudo ainda em fase das hipóteses.

Falemos agora do terceiro elemento dito **branco** na época do descobrimento quando o Brasil entra no palco da História. Nesta época a própria população de Portugal já é mestiça (um quinto de escravos mouros e negros). Mestiça já pela prévia invasão dos povos ditos "bárbaros" (assim chamados pelo fato dos "civilizados" ignorarem tudo a seu respeito). Nesta mestiçagem os laços que nos unem à corrente cultural mulçu-

mana são vários, e às vezes indefiníveis, indiscerníveis enquanto perdurar a ignorância propositada e preconceituosa, tanto da parte lusitana quanto da brasileira, de suas origens. “Herdamos dos árabes não só tecnologia, as formas similares de governo e da organização social mas também um élan missionário criando um novo tipo de império mercantil salvacionista” (D. Ribeiro). O simples bom-senso recoloca a importância da civilização árabe no “Garbo Andaluz”. Seria imaginável que um aparelho lingüístico-político-militar, ligado à mais pujante civilização de seu tempo, tenha dominado nossos antepassados durante 536 anos sem deixar conseqüências relevantes ? Devemos ainda acrescentar os 250 anos que se seguiram e que os árabes lá viveram como vencidos até que D. Manuel e seus sucessores impusessem, não sua extinção, mas sua integração. Os vestígios do árabe na língua portuguesa, principalmente em vocábulos da vida militar, administrativa e agrícola, são de importância incontestável (ver “Vestígios da Língua Árabe em Portugal” de Frei João de Sousa, ed. Farinha de Carvalho, Lisboa, 1981).

Qual a influência verdadeira da civilização árabe em território português e conseqüentemente no nosso ? A ignorância, a erosão do tempo mas sobretudo a **ideologia da hegemonia cultural ocidental** levaram ao silêncio muitas vezes que nos poderiam ajudar a explicar quem somos nós. Uma das grandes dificuldades, hoje, em encontrar caminho que nos livre de uma dependência **exterior**, de toda ordem, encontra-se no fato desta dependência ter sido, ao longo do tempo, **interiorizada pelas elites** na absorção inconsciente do modelo cultural ocidental. Uma cidadela torna-se presa fácil quando em seu bojo a luta está perdida previamente.

Não é somente neste campo que denunciamos o “critério valor” como discriminatório e como vestígio do imperialismo cultural ocidental. Numa sociedade em que “ser” reduz-se ao “conhecer”, logo ao adquirido, à instrução como bem de consumo, é natural que se divida a cultura em “erudita” e “popular”. Por que não caracterizá-la como “transplantada” e “genuína” ? E aqui colocamos nossa **segunda pergunta** a que aludimos no início do capítulo: **Para que cultura ?** Para superação do “natural” considerado pela mentalidade vigente como pobre, insuficiente. Insuficiente para que, perguntamos nós ainda, isto é, qual é a meta final ? Insuficiente para a **integração social**. Eis o critério supremo: a sociedade e seus valores. Por que “dignidade humana” não pode ser considerada em sua forma espontânea onde o critério é “estar bem” consigo e com os outros; a vida, o aqui e o agora; o amanhã, aquele que virá sem necessariamente possuí-lo de antemão. Se não é a classe popular que elabora nem expressa sua própria simbologia é evidente que sempre será considerada marginal, pois é outra classe que manipula seus símbolos. Cultura para o povo, só a do povo. A verdadeira independência só virá quando abrirmos espaço para a aceitação de nossa individualidade. Mas como conhecer esta individualidade ?

III — BASES METODOLÓGICAS DA PESQUISA

Procuraremos determinar qual o elemento humano a ser analisado, seu espaço cultural e o seu tipo de expressão. Quantos Brasis existem ? NO TEMPO: Parte do Brasil vive, como em outras partes do mundo, quase no século XXI enquanto outras partes ainda estão no século XVI. O maior país da cultura latina vive em alguns anos transformações demográficas que em outros lugares levam séculos para acontecer; poderíamos triplicar nossa população e ainda seríamos considerados, segundo os padrões europeus, como de baixa densidade. Só que aqui a esperança de duração de vida está vinculada mais aos problemas de espaço do que ao tempo. São de mais de quinze anos de diferença as expectativas de vida, segundo se está no Sul ou no Norte/Nordeste. Mas nos dois Brasis, arcaico e moderno, é a juventude que abarca o maior pedaço, o que é bom, mas impõe um ônus extremamente elevado para sua formação, muito superior aos encargos com a velhice em outros cantos do mundo. Isto se traduz no fato de alguns jovens prolongarem sua educação em detrimento de outros que nem chegam a ser alfabetizados, tal é a urgência de entrarem com seus braços no mercado de trabalho e contribuírem para a renda familiar. A permanência da mentalidade arcaica é o maior desafio a ser enfrentado por qualquer tipo de governo. A natureza não dá saltos, diz o ditado ... nem a educação. Não serão condições materiais que suprirão estas falhas. Nos mais modernos hospitais de São Paulo, onde existem os mais sofisticados recursos, a quarta "causa mortis" continua sendo a infecção hospitalar. Há um mínimo de educação sanitária exigida para sua erradicação. Como é possível quando sabemos que no mesmo local convivem seres do mundo de hoje, quase amanhã, junto aos de ontem ? Quantas universidades possuem aparelhos modernos ociosos por não existir pessoal técnico suficientemente competente para manejá-los ? A competência na maioria dos casos significa, apenas, responsabilidade, regularidade e certas condições físicas de base para o início de uma aprendizagem especializada. E para recuperar o tempo ... só o tempo. NO ESPAÇO: aqui o Brasil se divide mais ainda. Pensamos apenas num critério (há tantos !), as técnicas de subsistência; o Brasil da pesca, o Brasil agrícola, da mineração, da pecuária, industrial, citadino etc. Cada região cultural tem sua paisagem definida, não só geograficamente, economicamente mas lingüisticamente, dando a esta palavra sua plena conotação semiológica. Os símbolos concretos expressam o âmago da vida em sua totalidade. Neles estão presentes tanto as angústias, os anseios, mais também os materiais com que trabalham e, principalmente, o ritmo que imprimem a suas vidas. O boiadeiro em seu aboio expressa-se musicalmente num ritmo diverso do sambista carioca; contudo ambos são profundamente brasileiros. Como também o são outros tipos como o seringueiro, as rendeiras, os jangadeiros, os garimpeiros, os peões das fazendas

e tantos outros. Cada um deles vive num microcosmo dando uma dimensão humana ao seu labor contínuo, expressa em símbolos metafóricos; como também expressam o mundo do íntimo, do lar e dos sentimentos. **Por que meios se expressam ?** Pela MÚSICA, erudita, de vanguarda ou por aquela que apenas conhecemos de nome, milongas, calangos, cirandas, congadas, jongos etc.; pelo LINGUAJAR castiço ou popular com toda sua sabedoria e variedade inventiva; pelas FESTAS, suas danças e folguedos, adivinhações e comilanças; pela FANTASIA COLETIVA, seja das lendas, dos contos nordestinos, de cordel ou da espantosa poranduba, seja das suas formas mais elaboradas como contos, poemas, teatro, novelas de rádio ou de televisão, cinema etc. Expressam-se ainda no TRATAMENTO DADO AO ESPAÇO urbano, das moradas e dos arredores numa variedade que vai da monumental Brasília aos aglomerados das favelas e palafitas. Na DECORAÇÃO utilizam cascas e contas vegetais, ossos e penas animais, argila, couro, rolha, vime, areia, lã, algodão, folha de flandres, cobre, madeira de todas as cores, pedras, as mais trabalháveis como a esteatita (sabão) ou as mais resistentes como o granito, ou as semipreciosas, para não falar também do uso da prata cujo trabalho em filigrana é característico dos negros da Bahia. Através do instrumento o artesão se expressa, assim como o pensador se serve de idéias. Nesta continuidade "mão-expressão se enquadra a tipologia brasileira. Achamos que não cabe aqui partir para uma análise dos traços dominantes de um estilo, no caso o barroco, que mais facilmente caracterizaria o brasileiro. É tentadora a hipótese da identificação do barroco com certas tendências nacionais. Assim descreve Leopoldo Castedo esta identificação: a universalidade, uma certa intimidade com o divino, a sensualidade e a audácia. Nesta linha de pensamento Gilberto Freyre analisa a cultura luso-tropical. Observa no Oriente e na África a sobrevivência, nas áreas de influências lusitânicas, de transmissões culturais análogas às brasileiras. Seu intuito é criar uma Tropicologia, estudo apenas esboçada mas de particular interesse para a compreensão da simbiótica cultura brasileira. Os três espaços Oriente-África-Brasil tiveram, através do intermediário português, relações e influências recíprocas. Acreditamos no futuro dessa ciência, mas pensamos que mais se beneficiaria a Sociologia da Arte do que a Estética. O que nos leva a perguntar quais as recônditas e insuspeitadas.

IV – DIMENSÕES DA PESQUISA

Qual seriam seu alcance e seu proveito, imediato ou longínquo, resultantes das observações aqui delineadas ? Primeiramente ao buscarmos conhecer um povo por suas expressões simbólicas deparamos com preocupações **antropológicas**: redotar o Homem de meios propícios a um reequi-

líbrio de sua natureza abalada por excesso de racionalismo e de mitificação da cultura. A propensão a uma ciência sem consciência levou o homem ao uso de sua inteligência sem a compreensão simbólica de seus próprios fins. Enriquecendo a função cognitiva é preciso fazer espaço à **função fabuladora**. Só ela nos salva do primarismo, do terra-a-terra do cotidiano. É ela a origem da capacidade de se maravilhar, ponto de partida tanto da filosofia quanto da arte, da ciência, mas também do bem-estar-no-mundo. Por isso dizemos que em segundo lugar reencontramos preocupações **sociológicas** ao pensarmos quanto as sociedades precisam acalentar seu cabedal simbólico. Sem as imagens simbólicas as sociedades se esvaziam: delas precisamos para dar prosseguimento ao dinamismo coletivo. Assim como o africano negro vê nas máscaras e esculturas o meio pelo qual os espíritos são captados para revigorarem a vida tribal, assim também a vida da comunidade precisa se alimentar com a tradição porque ela é, ao mesmo tempo, uma **cosmovisão**. Uma compreensão do problema **cosmológico** é o terceiro alcance de nossa pesquisa. Só a aceitação e o intercâmbio cultural dos símbolos das sociedades tanto orientais quanto ocidentais introduzem um verdadeiro ecumenismo. Pela livre veiculação e compreensão das expressões ficarão patentes as igualdades de esperanças e de temores de uma mesma humanidade. O símbolo, em qualquer parte do mundo, é o mediador entre o temporal e o que de eterno existe. É sua função de "Anjo" tão bem compreendida no islamismo e que Bachelard descreve em seu conceito de "anima". Os símbolos são teofanias que unificam os homens mas que ao mesmo tempo os diversificam. A polivalência simbólica encontra-se não só na sua expressão mas também na sua significação. Pois os símbolos têm também sua uma função **pedagógica** e é a quarta dimensão para nós. É através de uma educação de uma sensibilidade lúdica, liberada de uma preocupação de rentabilidade imediata, que propiciamos e armamos os jovens de novo código que a pura racionalidade discursiva não possibilita. Retomamos as palavras de Kant que via nas **Idéias Estéticas**, no trabalho da imaginação, a possibilidade de alcançar um conhecimento mais amplo que aquele advindo do conceito. A imaginação amplia criativamente este último. O trabalho do mundo artístico, além de sua dimensão estética, é mostrar, testemunhar, "presentificar" a unicidade, a individualidade de outrem. A arte atesta a personalidade, expressa a liberdade ... Querer reduzir um "continente" à única expressão é fazer da unidimensionalidade o pretexto explicativo do conceito de nação, conceito totalizante mas evanescente. Há que serem resguardadas as especificidades regionais, ricas e determinantes. E aqui descobrimos a última dimensão de nossa pesquisa: a **política**. A verdadeira **democracia representativa** só o é se for **representativa das diferenças**. Que sentido existe em invocá-la para mascarar uma massa uniforme, ou mesmo disforme? Para um regime totalitário o conceito de povo sem especificações poderá servir, mas não a uma nação que deseja marchar para uma unidade, sim, mas dialética, polivalente, onde

para se respeitar o todo é preciso respeitar as partes. Por isso repetimos: precisamos saber quem fomos para saber quem somos ... mas, e, principalmente, para onde queremos ir...

BIBLIOGRAFIA DE BASE

REFERENTES À

1ª parte:

- MAGNANI, J. G. Cantor: "Cultura popular: controvérsias e perspectivas", in Boletim Inform. e Biblio. de Ciências Sociais, nº 12, RJ, 1981.
- HALL, E. T.: "La dimension cachée", ed. Seuil, Paris, 1971.
- HALL, E. T.: "Au-Dela de la Culture", ed. Seuil, Paris, 1976.
- MALDINEY, H.: "Regard, Parole, Espace", ed. L'Age d'Homme, Lausanne, 1973.

2ª parte:

- EMPERAIRE, A. Laming: "Le problème des origines américaines", ed. de la Maison des Sciences de l'Homme, Presses Univ. de Lille, 1980.
- DESCHAMPS, H.: "L'Afrique Noire Précoloniale", ed. PUF, Paris, 1962.
- COELHO, A. B.: "Portugal na Espanha Árabe", ed. Seara Nova, vol. 1, Lisboa, 1972.
- RIBEIRO, D.: "Os brasileiros — Teoria do Brasil", ed. Vozes, Petrópolis, 1978.

3ª parte:

- LAMBERT, J.: "Os Dois Brasis", Comp. Edt. Nacional, São Paulo, 1978.
- ARAÚJO, A. M.: "Cultura Popular Brasileira", ed. Melhoramentos, São Paulo, 1973.
- CASCUDO, L. C.: "Literatura Oral no Brasil", ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1978.
- RIBEIRO, J.: "Folclore do Açúcar", ed. Funarte, Rio de Janeiro, 1977.

4ª parte:

- DURAND, G.: "Les Structures anthropologiques de l'Imaginaire", ed. Bordas Paris, 1969.
- RICOEUR, P.: "Le Conflit des Interprétations", ed. Seuil, Paris, 1969.
- GUSDORF, G.: "Mythe et Métaphysique", ed. Flammarion, Paris, 1953.